

LUTO NA TERCEIRA INFÂNCIA: A VIVÊNCIA DA CRIANÇA PERANTE A MORTE DE SEUS GENITORES, A COMUNICAÇÃO E O PAPEL DO PSICÓLOGO

GRIEF IN OLD CHILDHOOD: CHILDREN'S EXPERIENCE OF THE DEATH OF THEIR PARENTS, COMMUNICATION AND THE ROLE OF THE PSYCHOLOGIST

Ana Lígia dos Santos Souza¹, Fabiana Marconatto Pastore Rodrigues², Gabriela Siqueira Ayoub³, Monique Marri Martins⁴, Nicole Preti⁵, Priscila Regina Teixeira⁶.

¹Discente em Psicologia, R. Yvette Gabriel Atique, 45, Boa Vista, São José do Rio Preto/SP - UNIRP. CEP: 15025-4000, priscilapsicologia@yahoo.com.br; ²Discente em Psicologia, R. Yvette Gabriel Atique, 45, Boa Vista, São José do Rio Preto/SP - UNIRP. CEP: 15025-4000, priscilapsicologia@yahoo.com.br; ³Discente em Psicologia, R. Yvette Gabriel Atique, 45, Boa Vista, São José do Rio Preto/SP - UNIRP. CEP: 15025-4000, priscilapsicologia@yahoo.com.br; ⁴Discente em Psicologia, R. Yvette Gabriel Atique, 45, Boa Vista, São José do Rio Preto/SP - UNIRP. CEP: 15025-4000, priscilapsicologia@yahoo.com.br; ⁵Discente em Psicologia, R. Yvette Gabriel Atique, 45, Boa Vista, São José do Rio Preto/SP - UNIRP. CEP: 15025-4000, priscilapsicologia@yahoo.com.br; ⁶Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP

RESUMO- O presente trabalho tem como objetivo investigar o processo de luto na infância tendo em vista o desenvolvimento infantil, as fases do luto, o papel da família na comunicação e o papel do psicólogo no contexto clínico. Para isto, foi realizada revisão sistemática bibliográfica por artigos científicos e também da literatura, acerca dos temas citados. Ao final, foi possível constatar que a comunicação adequada, o entendimento do conceito de irreversibilidade advindo com a terceira infância e a utilização de ferramentas psicoterápicas em contexto clínico possuem um papel fundamental na elaboração do luto infantil saudável.

PALAVRAS-CHAVE: Morte dos Genitores. Terceira Infância. Luto na Infância. Comunicação.

ABSTRACT- This work aims to investigate the process of mourning in third childhood considering the developmental aspects of childhood, the stages of mourning, the role of the family in communication, and the psychologist's role in the clinical context. For this purpose, a systematic literature review conducted on the mentioned topics. It was possible to observe that proper communication, understanding of the concept of irreversibility associated with third childhood, and the use of psychotherapeutic tools in clinical setting play a fundamental role in the development of healthy childhood mourning.

KEYWORDS: Death of parents. late childhood. Childhood mourning. Communication.

1 INTRODUÇÃO

O processo de luto é um fenômeno que abrange diversas situações para além do falecimento em si, como exemplo quando uma pessoa se vê diante de um fim de uma etapa importante de sua vida, ela pode se ver diante do luto. A experiência de perda se transforma em um desafio tanto para o indivíduo que está vivenciando como para aqueles que são próximos a essa pessoa, como indicado por Domingos & Maluf (2003). Neste artigo, será explorado de forma específica o luto a partir da morte, sob a perspectiva da terceira infância.

O luto é entendido como um processo de reorganização e reestruturação diante de uma perda, sendo necessários esforços cognitivos e emocionais para atravessá-lo.

É um desafio multidimensional marcado por desamparo e angústia (Franco e Mazorra, 2007; Bowlby, 1990). Papalia e Feldman (2013) informam que “a morte é um fato biológico, mas também apresenta aspectos sociais, culturais, históricos, religiosos, legais, psicológicos, clínicos, éticos e de desenvolvimento que, com frequência, estão intimamente interligados”. Ou seja, o luto é vivenciado de forma subjetiva e embasado no contexto cultural e histórico em que o indivíduo está inserido, dependendo de diversas variáveis.

Já seguindo a perspectiva de Moore & Fine (1990 cit. por Hagman, 1996), “o luto é percebido como um processo mental que busca o reequilíbrio após a perda de um ente querido”. Esta resposta mental à perda expressa-se na forma de dor, podendo ocorrer a diminuição do interesse pelo mundo exterior, uma redução da capacidade de investir em novos relacionamentos e o foco nas memórias do que foi perdido em sua vida. Pode-se observar que o luto não se limita a um estado de angústia pessoal, sendo também um fenômeno relacionado a diversas manifestações psicológicas e somáticas.

Embora existam alguns padrões reconhecidos ao se tratar de luto, como os cinco estágios do luto segundo Kubler-Ross (1969), sendo eles negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, é preciso respeitar a singularidade de cada indivíduo. Já as crianças podem apresentar sintomas mais distintos na elaboração do luto como: culpa, medo, ansiedade, angústia, sentimento de abandono, entre outras ocorrências. John Bowlby (1982 cit. por Kovács e Lima, 2011), afirma que “crianças pequenas que perderam uma pessoa amada sentem pesar e passam por períodos de luto tal como o adulto”, em que apesar do autor apresentar cinco fases principais desse processo, novas visões e teorias sobre o luto tem mostrado que as pessoas não passam pela enlutamento em várias fases de sequência; o novo olhar em relação a esse processo vem destacar a habilidade de adquirir um novo conhecimento sobre o mundo, formando e descobrindo sentidos para esse período.

Ou seja, entende-se que cada indivíduo enfrenta o luto de maneira única, variando em maneiras e níveis de intensidade, onde as complexas interações do indivíduo também se refletem na jornada do luto, podendo influenciar todos os aspectos da vida, que por sua complexidade, torna-se um assunto e objeto de estudo cada vez mais necessário quando se trata do tema com crianças.

Os parâmetros de cuidado e atenção direcionados às crianças nem sempre foram estabelecidos como são nos dias atuais. Da mesma forma, a construção do processo de luto nesta e em outras fases da vida não se dá de forma linear e acompanha as mudanças no decorrer dos tempos. Foi apenas com o advento da modernidade em meados do século XIX, a qual trouxe diversas mudanças econômicas e sociais, exigindo um novo conceito de homem, que a infância passou a ser entendida como um período diferenciado da vida adulta que demanda atenção e cuidados específicos (Silva, 2009).

Segundo a autora supracitada, as crianças eram vistas e tratadas como pequenos adultos, fazendo com que a organização familiar não girasse em torno delas e não houvesse grandes laços afetivos com os genitores e cuidadores, além de permitir que as crianças compartilhassem dos mesmos ambientes que os adultos sem restrições. Entretanto, a visão de infância começa a mudar ao passo que a educação é oferecida pela instituição Escola, a qual exigia maior contato dos pais com os filhos no processo de aprendizagem. Assim, a criança começa a ganhar importância no âmbito familiar e passa a ser vista como um ser que necessita de atenção especial.

A proposta pedagógica da época era um regime educacional disciplinador que corrigisse a falta de maturidade da criança, sendo relacionada a uma personalidade selvagem que precisa de civilização e domesticação, visando a construção de um adulto

ideal (Carvalho e Carvalho, 2019). Mesmo que hoje a infância seja reconhecida e a criança tenha seus direitos assegurados por legislação, alguns estigmas sobre este período perduram, como a ideia de que são seres irracionais e imaturos. Para Kovács (2012), isto impede que as crianças entrem em contato com assuntos importantes e inerentes à vida humana, como morte e sexualidade, a fim de poupá-las de algum sofrimento.

O processo de luto, por sua vez, fica dificultado devido a esta superproteção dos adultos em relação à infância. Entretanto, Fernando (2013) apud Carvalho e Carvalho (2019) afirma que as crianças estão a todo momento vivenciando perdas, seja na escola, no contexto familiar, nos desastres naturais ou nos desenhos animados. Além disso, Silva (2012) acrescenta que as crianças têm capacidade de perceber o ambiente e vivenciar o luto de forma simbólica, expressando seu sofrimento através de desenhos, ainda que não possam verbalizá-lo.

Por fim, entende-se que falar sobre o luto é difícil em todas as etapas da vida, mas quando se fala da elaboração do luto na infância perante a morte dos genitores tudo pode se tornar mais complicado: primeiramente pelo fato de ser uma criança e não ter uma compreensão formada do que é a finitude humana, e também pela maneira de como essa notícia poderá ser compartilhada e a forma como a criança irá reagir.

2 OBJETIVO

O presente trabalho busca elucidar a seguinte problemática: como as crianças podem compreender o processo da morte e como vivenciam o luto, tendo como objetivo compreender a forma como a criança irá atravessar o processo de luto na terceira infância, o impacto da morte de um dos genitores, a maneira mais adequada de transmitir sobre a morte e luto para a criança no universo infantil e estratégias que possam ser utilizadas no processo de elaboração do luto em psicoterapia.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica sistemática por artigos científicos, com abordagem bibliométrica desenvolvida a partir de investigação nas bases de dados de materiais já preparados e constituídos nestas pesquisas, e também na literatura. Desta maneira, a partir de palavras-chaves a respeito do assunto, como luto infantil, processo do luto, morte, pretende-se aqui realizar um levantamento das obras encontradas acerca do tema e dos resultados obtidos e construir um material que traga informações sobre o entendimento do luto pela criança na sua terceira infância, sua forma de lidar e o papel da família neste momento. Esta metodologia consiste em uma maneira criteriosa de pesquisar, coletar e identificar os dados, analisá-los e descrever as contribuições a respeito do processo de luto infantil. Assim, a presente construção se dá a partir das pesquisas e artigos já publicados acerca do tema e relacionando com o movimento social que rodeia este fenômeno.

4 DESENVOLVIMENTO

A elaboração do luto pelas crianças é atravessada por diversos fatores. Inicialmente, há o desenvolvimento cognitivo como norteador da capacidade e habilidade do indivíduo de perceber e processar informações cada vez mais complexas. A concepção de desenvolvimento infantil surge quando há o entendimento que a criança se desdobra a cada momento de sua vida em uma sequência de mudanças,

tanto em seu organismo físico, como também nos âmbitos cognitivo e social. Os fatores externos como: família, escola e amigos, são os principais estimulantes para o conteúdo que irá ser formado na criança, afinal a construção interna será feita pela relação que se tem com o meio. Em uma perspectiva completa dos ciclos de vida, tem-se o período pré-natal, em seguida a primeira infância até os 3 anos, a segunda infância, dos 3 aos 6 anos, e a terceira infância, dos 6 aos 11 anos.

Baseado nas considerações de Jean William Fritz Piaget sobre a parte cognitiva do desenvolvimento infantil, existem quatro fases do desenvolvimento cognitivo: sensório-motor de 0 aos 2 anos, pré-operatório que se prolonga dos 2 aos 7 anos, operatório concreto dos 8 aos 12 anos, e operatório formal a partir dos 12 anos.

Por conseguinte, distinguindo o conhecimento geral, tem-se como pauta principal deste artigo a terceira infância, dos 6 aos 11 anos de idade, também é conhecida como idade escolar. Nesse momento, a criança irá enfrentar os processos de aprendizagem, seus desafios e conflitos na escola, o desenvolvimento físico e social, em que o corpo cresce e se modifica e também constrói relações interpessoais. E quando se trata do cognitivo nessa fase, compreende-se que a criança começa a distinguir o abstrato do concreto, resolvendo problemas com maior autonomia, expressando maior curiosidade sobre o mundo ao seu redor e demonstrando criatividade a partir do estímulo de sua imaginação, além de desenvolver a capacidade de pensamento crítico e o discernimento sobre ações e informações. Ou seja, um movimento de constante relação dialética com o meio, e para Piaget (1973) as crianças constroem o seu conhecimento durante as interações e experiências concretas com os outros e com o mundo. A criança tem dificuldade pela perda de um objeto amado, principalmente quando se trata de um objeto no qual ela dependa, seu psiquismo ainda está em processo de desenvolvimento, e ela necessita dessas pessoas para garantir sua sobrevivência física e seu desenvolvimento emocional.

D. W. Winnicott (1965) afirma que o ambiente em que a criança está inserida possui total e completa influência no desenvolvimento cognitivo, social e físico da mesma, além de gerar conforto e segurança para que ela expresse suas emoções livremente, visto que, durante a terceira infância, a criança terá uma maior compreensão dos acontecimentos externos. No entanto, ela ainda permanece em construção cognitiva e os sentimentos podem ser reprimidos se esta criança não possuir um ambiente e rede de apoio saudável que ofereçam suporte para a elaboração das vivências, que podem ser ou não traumáticas. O autor ainda afirma que “o ambiente deve ser suficientemente bom para permitir uma sensação de confiança e ao mesmo tempo, suficientemente ruim para permitir que a criança perceba que existe algo a ser feito” (Winnicott, 1965).

Em seguida, tem-se a estrutura de luto conhecida popularmente que deve ser levada em consideração ao trabalhar com sujeitos enlutados. A psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross, em seu livro “Sobre a Morte e o Morrer” de 1969, revolucionou a maneira de compreender os conceitos de morte, luto e cuidado de pessoas com doenças avançadas. Segundo ela, o luto pode ser constituído de cinco estágios, sendo eles: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. O primeiro estágio, Negação e Isolamento, refere-se ao primeiro contato do indivíduo com sua situação diagnóstica ou com a morte de um familiar, em que ele recusa essa realidade, dizendo “eu não, não pode ser verdade” (Kubler-Ross, 1969). O período de negação funciona como um mecanismo defensivo para que o indivíduo possa processar a informação no seu tempo, sendo que sua duração dependerá de seus recursos internos e da disposição para lidar com o sofrimento.

Em seguida, o estágio da Raiva surge juntamente com os questionamentos: “Por

que eu? Por que não ele?”. A pessoa enlutada desenvolve a raiva e os outros sentimentos negativos provavelmente pelo descontentamento em ter uma vida encerrada, por todo o sofrimento contido nos acontecimentos prévios à morte e pela sensação de não poder reverter a situação. Além disso, Kubler-Ross (1969) aponta que é esperado que esta raiva seja extravasada e atinja o ambiente, a família e/ou o próprio enlutado, visto que os planos feitos terão de ser desfeitos enquanto os outros poderão desfrutar da vida normalmente.

O estágio da Barganha funciona como um tipo de negociação, em que a pessoa enlutada passa a fazer promessas e juramentos a Deus em troca de uma situação melhor ou alívio da dor, ambos inevitáveis. Já o quarto estágio, a Depressão, é entendido como um período natural composto de sentimentos de angústia após a perda de um ente querido, e não deve ser associado à patologia e medicalização imediata do enlutado (Netto, 2015). Por fim, o estágio da aceitação refere-se à aceitação da realidade, capacidade de aprender a viver a nova realidade e a construir novas relações interpessoais, ainda que não esteja tudo emocionalmente solucionado (Netto, 2015).

Para além disso, é importante entender que os estágios do luto apresentados nem sempre serão vivenciados da forma que foram estipulados e não devem ser tidos como um padrão, para que a subjetividade e todas as dimensões que compõem o indivíduo enlutado sejam respeitadas. Ou seja, cada ser possui suas particularidades que refletem na maneira de experienciar sua existência, e intrinsecamente como irá compreender a vida, a morte e o luto.

Também é válido esclarecer que o luto, por muitas vezes, é confundido erroneamente com alguma patologia; porém, ao perceber que a morte de um ente querido é um evento significativo e angustiante, compreende-se então o luto como um processo natural e humano, com sentimentos que são esperados e compatíveis com a situação vivenciada. Diante dos expostos, entende-se que as crianças poderão vivenciar tais estágios de acordo com seu desenvolvimento cognitivo e sociocultural, não necessariamente de forma ordenada e levando em conta seu próprio repertório para lidar com frustrações.

Desta forma, a elaboração do luto pela criança não será deficiente ou idêntica ao modelo adulto, ela possui características próprias, além de ainda estar estruturando sua personalidade (Franco e Mazorra, 2007). É preciso lembrar que sua cognição ainda está em formação, o que dificulta a compreensão de alguns conceitos, especialmente se tratando de abstração. Sengik e Ramos (2013) evidenciam alguns conceitos ligados ao entendimento da morte que atravessam o processo de luto infantil, dentre eles a irreversibilidade, a não-funcionalidade, a causalidade e a universalidade. Nagy (1959) cit. por Torres (1980) diz:

Identifica-se a relação dos componentes irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade com o conceito de morte. Ela constata a existência de três etapas: na primeira (até cinco anos) não há noção de morte definitiva, sendo esta compreendida como separação ou sonho e como um evento gradual e temporário. Na segunda etapa (cinco a nove anos), há uma forte tendência a personificar a morte, que é percebida como "alguém" que vem para levar as pessoas. É compreendida como irreversível, porém evitável, e também, como algo que acontece a todos e sobretudo a ela mesma. Somente na terceira etapa (nove a dez anos), a criança reconhece a morte como cessação das atividades do corpo e como inevitável.

Durante o processo de desenvolvimento infantil, estes quatro conceitos citados

acima são fundamentais e gradualmente entendidos pela criança em consonância com sua faixa etária, visto que está em sua formação biopsicossocial e exige uma abordagem diferente para cada idade. A irreversibilidade se refere à percepção de que, uma vez que algo morre, não há possibilidade de retorno à vida. A não funcionalidade por sua vez implica na compreensão de que, com a morte, todas as funções vitais cessam, como aquelas associadas aos órgãos. A universalidade abarca o entendimento de que a finitude da vida é uma característica inerente a todos os seres vivos, e a causalidade, por fim, diz respeito à compreensão de que a morte pode ser desencadeada por fatores tanto internos quanto externos ao indivíduo.

Na segunda infância, a criança ainda não possui a capacidade de compreender plenamente que a morte e a vida são estados mutuamente exclusivos, portanto, a noção de irreversibilidade não é plenamente apreendida. Já na terceira, a criança começa a desenvolver uma compreensão inicial da irreversibilidade. É somente a partir dos 11 anos de idade em diante, que a criança atinge a maturidade cognitiva necessária para conceber a morte como um fenômeno inevitável e definitivo.

De acordo com Bowlby (1970/2006), a perda é interpretada como um estado de desamparo, causando medo de ser abandonado, sensação de saudade pela figura ausente e a manifestação de raiva decorrente da impossibilidade de encontrá-la. São muitas as propostas de organização de fases do luto, embora alguns autores critiquem estes métodos justamente por ser um processo muito subjetivo e depender de diversas variáveis, sendo que cada pessoa passará pelas fases em seu tempo. O luto em si não é uma doença, mas as condições que o permeiam, principalmente no âmbito familiar, podem definir se o processo será saudável ou não (Lima e Kovacs, 2011).

Segundo Shapiro (1994) apud Ramos (2016), a morte de um genitor quebra o equilíbrio da família, sendo necessário encontrar novas estratégias para restabelecer a estruturação, afinal, a criança não perde apenas um membro da família, ela perde toda configuração familiar anterior (Franco e Mazorra, 2007). Também é importante considerar que a capacidade de lidar com a perda é presente nos contextos familiares saudáveis.

O tema da morte, mesmo sendo visto como um tabu pela sociedade brasileira, é levado para as famílias rotineiramente através da televisão, por meio de novelas e filmes, com suas cenas de acidentes, violência, doenças e morte, em que crianças são expostas a essas imagens, ao mesmo tempo que os adultos tentam poupá-las do assunto na vida real com medo prejudicá-las. Portanto, pode-se notar que tais eventos que são vedados à criança, também são presentes no dia-a-dia de forma indireta a sua realidade.

Do mesmo modo, Ramos e Sengik (2013) trazem a problemática por trás da forma como os responsáveis levam o tema da morte para a criança, muitas vezes lidando através do silêncio e da omissão com objetivo de proteger a criança do sofrimento.

Segundo Torres (2002, p. 10):

Esta negação e esta "conspiração do silêncio" em relação ao binômio criança-morte são atitudes nefastas porque poderão bloquear o desenvolvimento da criança. Tentativas de protegê-la contra a morte em nada a ajudam; ao contrário, quando se tenta defendê-la, seu crescimento é prejudicado.

Ao abordar sobre o tema de crianças que passam pelo luto, é necessário salientar a importância que os familiares implicam nessa adaptação saudável ou não perante a perda, pois a forma como a criança irá lidar com esse processo está amplamente ligada com a forma que o conteúdo é levado à criança, a maneira que

lidam com as suas manifestações emocionais e pela expectativa que é colocada em relação a reação que a criança terá. O significado da morte, para a criança, é influenciado por diversos fatores como a faixa etária, o desenvolvimento psicológico, a sua relação com a pessoa que faleceu e a forma como as pessoas a sua volta lidam com perdas.

Este desafio não se desenvolve de forma igual em todas as faixas etárias, mas compartilha semelhanças com as reações dos adultos. Portanto, torna-se evidente que diversos fatores podem moldar a forma como uma criança passa pelos estágios do luto.

Dentre os fatores que podem desfavorecer o processo de luto relativos à criança, Franco e Mazorra (2007) apontam a relação com a pessoa perdida, ser do mesmo sexo que a pessoa falecida e não possuir repertório para lidar com perdas. Além disso, os autores também indicam que circunstâncias como morte violenta e repentina, a criança estar presente na cena ou ter uma cultura familiar de tabus sobre o assunto também acaba por prejudicar uma elaboração saudável.

A rede de apoio que essa criança terá durante todo o processo vai influenciar no bom ou mau desenvolvimento desses estágios, como dito anteriormente. Muitas vezes, a família se vê perante uma situação em que precisam dar suporte emocional a essa criança, no entanto os mesmos se encontram como enlutados também. A família, o pai e a mãe também sofrem com a perda e conseqüentemente vivenciam os estágios deste luto, porém os adultos, em sua maioria, possuem uma base emocional mais consolidada comparados a uma criança no amadurecer da terceira infância. O adulto precisa fornecer acolhimento físico e emocional; nesse contexto, a maneira como essa informação é passada para a criança precisa estar à altura de sua compreensão, sem negar a realidade.

Dentre os tipos de morte que existem, a morte súbita de um genitor difere e muito no impacto sobre a vida e o emocional da criança, quando comparada a óbitos previsíveis e esperados por ela, pois possuem caráter traumático para os familiares e mais profundo ainda para as crianças (Kinijnik & Zavaschi, 1994). Nesses casos, a criança não tem tempo de realizar luto antecipatório, e enfrenta uma situação mais complexa do que a do adulto diante da perda. É perdido a figura parental, e também o mundo que conhecia até então, se tornando desafiador lidar com a gama de emoções que invadem neste momento (Franco & Mazorra, 2007).

Segundo Ferreira e Wiezzel (2005), a experiência do luto acarreta na necessidade de adaptação de uma vida sem a figura do genitor, e no contexto infantil, a perda de um dos pais exerce uma notável influência no processo de desenvolvimento, podendo abranger desde aspectos de interação social e visão de mundo até questões emocionais e afetivas, trazendo um sentimento de inadequação e de impotência, uma vez que a criança pode internalizar a noção de ser única por não ter ambos os pais presentes. Para eles, a criança "privada de certas coisas, como o contato afetivo, tende a desenvolver perturbações no seu desenvolvimento emocional que serão reveladas futuramente através de dificuldades pessoais." (Ferreira e Wiezzel, 2005, p. 8).

Segundo Alves e Kovács (2016), cit. por Cruz, Lima et al (2021)

A morte é algo que resulta na decorrência de vários sentimentos, dentre eles a ansiedade e o medo. Perder pessoas próximas de si traz para a criança um senso a respeito da própria morte. Corroborando com esse pensamento, os autores Andrade, Mishima-Gomes e Barbieri (2018), afirmam ainda em suas pesquisas que algumas crianças enlutadas podem apresentar abrupto comportamento de submissão, por medo de novas perdas, tendendo a se preocuparem em atender às expectativas

sobre si com a intenção de agradar seus genitores ou cuidadores.

Simon (1986) compreende que a criança possui o genitor como referência de sua construção psíquica, em que a criança se espelha no que a outra diz sobre ela (durante a fase pré-operatória de Piaget), e quanto mais nova é a criança, mais esse fenômeno será frequente.

Comunicar a morte de um de seus genitores para uma criança é uma tarefa extremamente delicada e desafiadora, em que a honestidade desempenha um papel crucial ao informar a uma criança sobre a morte de seu pai ou mãe por várias razões. A comunicação do luto deve ser feita de forma clara e sincera com a criança de acordo com seus níveis de entendimento e cognição. Em primeiro lugar, ser aberto com a criança sobre o assunto é fundamental para construir e manter a confiança dela, além disso, tal honestidade evita a confusão mental que levaria a mal-entendidos e desconfiança. Uma criança em sua maturação emocional na terceira infância já está em capacidade de perceber que os adultos ao seu redor estão sendo sinceros, podendo se sentir mais segura e apoiada. A verdade ajuda a criança a compreender a realidade da situação e a iniciar o processo de luto, além de começar a lidar com seus sentimentos e emoções de maneira mais saudável.

Entretanto, falar sobre a morte com crianças exige um cuidado diante das ferramentas utilizadas para abordar o tema. De acordo com Bruner (1990) é necessário avaliar como a criança entende o conceito da morte, e se possível a pessoa que irá comunicar o falecimento deve possuir um laço de intimidade forte com a criança. Permitir que a criança dite o tom e estabeleça o ritmo da conversa vem a ser uma abordagem adequada ao lidar com esse tópico, já que a capacidade de usar as palavras da própria criança facilita na criação de um diálogo significativo e a formulação de perguntas direcionadas a ela.

É importante que haja um estímulo para que ela expresse seus sentimentos, dúvidas e comportamentos que muitas vezes podem ser aversivos. Dependendo da idade, mesmo que se aborde de maneira aberta o assunto, a criança pode apresentar dificuldades de compreender que alguém que sempre esteve ali simplesmente desaparece, a sensação que aparece é a de desamparo e abandono, de que a pessoa deixou essa criança sem explicações.

A partir do momento em que os adultos responsáveis por aquela criança optam por não abordar de forma aberta o tema da morte, isso influenciará diretamente na etapa inicial em que a mesma começa a lidar com a notícia e com a complexidade do luto. Nesta fase, a criança tenta assimilar a ideia de que alguém se foi permanentemente, porém, as explicações vagas e, muitas vezes, omissas sobre a morte de alguém irão retornar em algum momento através de dúvidas ou comportamentos disfuncionais, podendo abalar a confiança da criança em figuras de autoridade, afetando sua capacidade de estabelecer relacionamentos saudáveis e de se sentir segura em seu ambiente.

Papalia e Feldman (2013) apontam que “elas podem sentir-se confusas com os eufemismos dos adultos: que alguém “se foi”, ou que a família “perdeu” alguém, ou que fulano está “adormecido” e nunca mais vai despertar”, e defendem que as crianças poderão passar pela elaboração do luto de forma mais saudável e eficaz se forem apresentadas ao tema e se tiverem espaço para falar sobre isso, diminuindo as chances de desenvolverem sentimentos de abandono ao não compreender por que o genitor não está mais presente em sua vida.

A ausência de informações claras sobre a morte do genitor pode resultar também no desenvolvimento de fantasias ou ilusões como forma de preencher a lacuna de

conhecimento; tais fantasias podem ou não ser prejudiciais, pois a realidade da morte pode ser muito diferente. Ou seja, as ilusões criadas ficam a mercê da imaginação da criança, permitindo que ela se expresse, revelando seus sentimentos, reações e sintomas associados, bem como a maneira pela qual ela elabora o luto e enfrenta a dura realidade da perda de um ou de ambos os genitores, podendo ser algo perigoso ao se tratar do processo de luto infantil.

Em várias circunstâncias, aqueles que estão encarregados de comunicar a morte à criança podem não ter todas as respostas ou podem não encontrar palavras adequadas e suficientes. Afinal, estas pessoas estão igualmente passando por um processo de luto, lidando com seu próprio sofrimento e necessitando de apoio de forma tão urgente quanto a própria criança. Nessas circunstâncias, é importante enfatizar que gestos de afetuosidade podem exercer um impacto notável e positivo.

Outro ponto importante é a participação em rituais como enterros e velórios. Entretanto, normalmente as crianças são impedidas de participar devido à superproteção, o que desfavorece a interação social necessária para servir de apoio e mais uma vez prejudica a construção do luto através dos elementos simbólicos ritualísticos.

De acordo com os apontamentos, autores e estudos apresentados, entende-se que a psicoterapia é uma ferramenta para auxiliar a pessoa enlutada a atravessar este momento delicado, além de contribuir para que reconstrua sua autonomia, suas atividades de vida diárias e seja capaz de enfrentar situações adversas (Bortsmann; Breunig; Macedo, 2018).

Quando ocorre uma perda significativa na terceira infância, como o falecimento de um genitor, a criança sofrerá com a perda de funcionalidade e com mudanças consideráveis no dia a dia. Então, ela encontrará meios e comportamentos sintomáticos para sobreviver a estas questões e expressar seu estado interno, sendo estes sintomas os que a levam até a terapia (Oaklander, 1980). Desta forma, Bortsmann, Breunig e Macedo, (2018) afirmam que “o foco [da psicoterapia] não deve ser a eliminação do sintoma, mas acolher e compreender em que momentos isso acontece, facilitando a apreensão dos sentimentos dos pacientes frente a essas situações”.

Sendo assim, entende-se que o psicólogo pode utilizar de técnicas em psicoterapia neste contexto, tais como: perguntar para a criança o que ela está sentindo, qual seu nível de entendimento sobre a situação e se ela se sente confortável para participar do ritual fúnebre; construir um momento de despedida pessoal em sessão através de desenho livre e cartas, levando em consideração o desejo individual da mesma; livros pedagógicos com teor lúdico e usufruir das ferramentas projetivas, a fim de que ela possa visualizar de maneira literal o tamanho de suas emoções; e, por fim, reforçar sentimento e recordações positivas com a pessoa falecida.

De acordo com Rocha e Barreto no artigo “Ludoterapia no processo de luto infantil: um estudo de caso”, a ludoterapia se mostra importante em casos de crianças que perderam um ente querido, sendo mais marcante quando se trata de um genitor. As autoras também citam Kovács (2007): “a psicoterapia com crianças enlutadas apresenta-se como forma de cuidado, já que a comunicação das crianças não se restringe à forma oral [...], requer uma maneira especial de escutar a criança e acompanhá-la em suas brincadeiras”.

O ato lúdico tem um papel primordial no desenvolvimento da criança, é a ponte que liga o real ao imaginário. Por intermédio das brincadeiras, a criança tem a oportunidade de explorar conflitos, medos, angústias, emoções e sentimentos, e ainda atuar nos aspectos sociais, na interação da criança para com o mundo, o que amplia sua capacidade criativa e comunicativa, e aprende formas de lidar com seus

problemas. Com essa autonomia desenvolvida, ocorre o amadurecimento individual e a integração social.

Machado e Paschoal (2008, p. 57) afirmam que:

Podemos dizer que o brincar é um meio pelo qual a criança se relaciona com o mundo adulto, procurando descobrir e ordenar as coisas ao seu redor. Ao vivenciar as brincadeiras, a criança desenvolve afetividade, interage com o mundo em que vive, mediante a fantasia e o encanto.

Através da leitura de histórias infantis durante a psicoterapia, as crianças se beneficiarão da reflexão interior, já que possuem a habilidade de explorar seus sentimentos na esperança de diminuir seu sofrimento. Esse processo ressoa nas emoções dos leitores e ouvintes com a capacidade de liberá-las. Ao envolver-se em contos que citam situações de desamparo, mortes e perdas, a criança reconhece que não está sozinha em suas angústias. (CALDIM, 2004).

Portanto, pode-se entender a importância que exercem as técnicas lúdicas na psicoterapia infantil voltada ao processo de enlutamento, combinadas com a comunicação adequada e específica à terceira infância na elaboração de luto saudável perante a morte de um dos genitores.

5 CONCLUSÃO

Por fim, é possível concluir que o luto é um processo de reorganização frente a uma perda multifatorial que ocorre de maneira subjetiva. No caso de luto infantil na terceira infância, as crianças vivenciam a perda de forma diferenciada dos adultos, visto que, é neste período que se adquire a habilidade de resolver problemas, o conceito de irreversibilidade, o pensamento abstrato, a autonomia para executar tarefas e a aprendizagem através das interações sociais.

Além disso, a elaboração do luto infantil depende das fases do desenvolvimento cognitivo, físico e social experienciadas pela criança, a forma como ele é apresentado e introjetado, além de ser o resultado de diversas variáveis, principalmente ligadas às questões familiares. No caso de morte de genitores, a criança perde não só sua principal figura de referência, mas também toda configuração familiar, ou seja, a vida como é conhecida.

A criança, por sua vez, é capaz de vivenciar a perda de maneira saudável quando há boa comunicação da notícia e espaço de acolhimento em que ela possa se expressar livremente. Logo, é altamente importante que haja o processo psicoterapêutico contínuo voltado para a criança enlutada para reconhecer a perda e aprender a lidar com seus sentimentos e com sua nova dinâmica familiar.

Enfim, é importante reforçar que o papel do psicólogo no luto infantil está ligado a proporcionar acolhimento, elaboração e organização das emoções, considerando sempre que a criança é um ser único, em desenvolvimento e que se constitui a partir de suas relações e experiências durante os conflitos da vida. Além disso, as técnicas psicoterápicas lúdicas, projetivas e pedagógicas devem servir como ferramentas fundamentais no processo terapêutico.

Ademais, investigar a influência de variáveis como cultura e condição socioeconômica nas respostas das crianças ao luto pode enriquecer a compreensão deste fenômeno, de modo que estas direções de pesquisa possam contribuir para a evolução das práticas de intervenção psicológica no contexto de luto infantil.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRA, V.; RAMOS, B. **O PROCESSO DE LUTO**. [s.l.: s.n.]. Disponível em:<<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>>.

ANTON, M. C.; FAVERO, E. **Morte repentina de genitores e luto infantil**: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*, v. 15, n. 1, 1 out. 2011.

BARRETO, Jorgiana Baú Mena; ROCHA, Marilise Vanusa. **A Ludoterapia No Processo Do Luto Infantil**: Um Estudo De Caso. *Pesquisa em Psicologia-canais eletrônicos*, 2015. Disponível em:<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555>. Acesso em: 09ago.2023.

BERNARDI, Denise. **Reflexões acerca do brincar e seu lugar no infantil**. *Rev. Bras. Psicoter.(Online)*, p. 82-92, 2016. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-848248>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

BORSTMANN, Renata da Silveira; BREUNIG, Yohanna; MACEDO, Maria Luisa Wunderlich dos Santos de. **Psicoterapia infantil**: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar. *Revista IGT na Rede*, v. 15, nº 28, 2018, p. 76 – 95.

CARVALHO, Eliane Cristina; CARVALHO, Lana Veras. **Infância, perda e educação**: diálogos possíveis. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 13, n. 3, 2019.

CRUZ, Maria Cristina Natasha Lima et al. **Um pedaço de mim virou estrelinha**: elaboração do luto infantil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 8, p. e23210817255-e23210817255, 2021.

DOMINGOS, Basílio, and Maria Regina Maluf. **Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos**. *Psicologia: reflexão e crítica* 16 (2003): 577-589.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. **Criança e luto**: vivências fantasmagóricas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 24(4), 503-511 I, 2007.

HAGMAN, G. (1996). **Mourning**: a review and a reconsideration. *Journal of Psycho-Anal*, 76; pp: 909-925.

KOVÁCS, Maria Julia. **"Educação para a morte."** *Psicol. cienc. prof*: 484-497, 2005.

KOVÁCS, Maria Julia. **Curso Psicologia da Morte**. *Educação para a morte em ação*. Bol. Acad. Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil - V. 36, no 91, p. 400-417, 2016.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.

LIMA, V. R. DE; KOVÁCS, M. J. **Morte na família:** um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 2, p. 390–405, 2011.

MELLO, Glenda Ramos Ebert; LIMA, Louizia Pinto; MOTA, Daniela Crsitina Belchior. **Percepções e vivências do luto infantil:** uma revisão narrativa da literatura brasileira. *Revista Saber Digital*, v. 14, n. 1, p. 70-88, 2021.

NETO, Adão Alves Vilela; RIBEIRO, Juliane Lucy. **Elaboração do luto infantil.**

UNIUBE. NETTO, J. V. G.. **As fases do luto de acordo com Elisabeth Kubler-Ross.** IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar Nov. 2015, n. 9, p. 4-8.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. **Concepção de morte na infância.** *Psicologia & Sociedade*, Recife, v.25, n.2, p.379 - 387, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200015. Acesso em: 25 de julho de 2023.

SILVA, Amanda Bertola. **Múltiplas faces da infância:** concepções que se constroem no mundo contemporâneo. Londrina, 2009.

TORRES, V. C. (2002). **A criança diante da morte:** desafios. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

TORRES, Vilma da Costa. **O conceito de morte em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo:** uma abordagem preliminar. 1978. Tese de Doutorado.